



---

ÁREA TEMÁTICA: Globalização, política e cidadania

---

A política é coisa de Políticos? Tempos e espaços da política em Santana do Acaraú - Ceará - Brasil

---

SILVA, Clódson dos Santos

Mestre em Sociologia

Universidade Federal do Ceará

clodsonsantos@yahoo.com.br

### Resumo

Este ensaio é um primeiro esforço de sintetizar dados de uma pesquisa que ainda não foi concluída. Trato aqui de como o período eleitoral é vivenciado em uma pequena cidade do interior do Nordeste brasileiro - Santana do Acaraú - CE. O caso é fecundo para pensar como a sociedade se reconfigura social e espacialmente diante de tal situação. Dessa forma, procuro compreender como é construído socialmente o lugar da política, atribuindo a ela territorialidade, uma linguagem e temporalidade específicas, enfim, um período onde ela é permitida, “o tempo da política”, e como isso reforça e constrói a política como o lugar dos políticos profissionais. Acredito que, atentando para os bastidores da política, para as suas redes, seus valores e práticas, compreenderei quais são as regras e valores na produção e reprodução do poder político naquela cidade.

Palavras-chave: Política; Eleições; Rituais; Poder Local





# 1. A política é coisa de Políticos? Tempos e espaços da Política em Santana do Acaraú – Ceará – Brasil

## 1.1 Prólogo

### Cena I

Estamos em Santana do Acaraú<sup>i</sup>, uma cidade interiorana que fica na região norte do Estado do Ceará - Brasil. Em meados de 2001, nas manhãs de sábado, é comum ver um fluxo maior de pessoas nas ruas. É dia de feira, muitos dos munícipes que residem na zona rural se deslocam até a sede do município em caminhões “pau-de-arara”<sup>ii</sup>, carros, motos, bicicletas para negociar seus produtos agrícolas e fazer compras no comércio local. Seria mais um sábado corriqueiro se não fosse o burburinho e o alvoroço que se formava perto da Casa Lotérica local. Até que alguém exclama: saiu mais um!

*Tendo escrito há vários dias a procura do amigo Jaburu e esperando que ele se pronunciasse a altura do ‘informativo por mim lançado’, não se tem notícias de sua resposta. Fica difícil entender sua omissão em esclarecer tantos fatos recentemente ocorridos em nossa cidade. Não é possível que, com tamanha audiência e repercussão do último informativo a procura do amigo Jaburu, não se tenha manifestado, pois se você não leu ou não ouviu comentários, de certo estás ausente ou com medo de ser mais uma vítima das ameaças e atentados feitos a mando desta ditatorial administração. Acho-me na obrigação de conversar contigo nos repetidos dois tópicos: um te perguntando, outro te esclarecendo, digo: você sabia? Ouviu dizer! (2ª. Carta a procura do amigo Jaburu, sem data)*

No domingo pela manhã o mesmo *frisson* tomava conta das ruas.

*Voltei, voltei. Que saudades!!! Arnaldo Jaburu está de volta em edição extraordinária, ou seja, o testamento do Judas!!! Arnaldo Jaburu esteve com o Judas. Com maior surpresa revela os novos acontecimentos ocorridos nos bastidores das fofocas do povo de Santana. Como um comentarista identificou que a história em que vivemos é mesmo um verdadeiro testemunho da realidade. Humildes sempre a sofrer, espertalhões sempre a se locupletar à custa do suor do pobre povo sofredor. (Arnaldo Jaburu sem data)*

E no final de semana seguinte a cena se repete.

*Alô, alô, Santanenses, está de volta o mais bem informado santanense, sobre as coisas da nossa terra, Arnaldo Jaburu. Hoje, estamos de volta com a segunda edição do Testamento do Judas, prometendo que em breve estamos de volta com uma edição especial, apresentando as mais novas transações ocorridas às caladas da noite. (Arnaldo Jaburu sem data.)*

### Cena II

Em agosto de 2003, milhares de pessoas se aglomeram na entrada de Santana do Acaraú para receber o corpo de Chagas Vasconcelos, presidente do diretório local do Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB. Ao som da música “Nossa Senhora” interpretada por Roberto Carlos, o cortejo percorre as principais ruas da cidade com destino a Igreja Matriz de Santana, onde o corpo é velado. Durante a noite milhares de pessoas visitam o local prestando homenagens. Às quinze horas do dia seguinte, o corpo de Chagas Vasconcelos é conduzido pelas ruas no carro de bombeiros do município de Sobral, onde mais de seis mil pessoas acompanham o cortejo, que antes de seguir para o Cemitério São Sebastião, faz uma parada na Câmara Municipal, onde políticos e autoridades locais também prestam homenagens.



Nos dias seguintes ao velório e durante a missa de sétimo dia da morte de Chagas Vasconcelos, inclusive mesmo depois dela, vários carros de som circulam pela sede do município propagando discursos de Chagas Vasconcelos. Entretanto, é importante destacar, que os teores de tais discursos eram bastante distintos. Em certos espaços da cidade os carros reproduziam falas de Chagas Vasconcelos que remetiam a sua campanha para prefeito de Santana do Acaraú de 1996, quando o empresário e prefeito José Aldenir Farias era seu candidato a vice-prefeito na época. Naquela ocasião Chagas elogiava Farias. Em outros locais, eram reproduzidos participações de Chagas Vasconcelos em 2002 na Tribuna Livre da Câmara Municipal local. Nessas declarações Chagas expressava seu repúdio e preocupação em relação a José Aldenir Farias, eleito prefeito em 2000. Em seu discurso Chagas dizia-se traído, pois durante o pleito daquele ano, Farias abandonara a coligação de Chagas e apoiara o seu maior adversário político, João Ananias Vasconcelos Neto, em um episódio conhecido, localmente, como “Urna 45 do Sapó”.

### Cena III

Em novembro de 2003, em uma das praças de Santana do Acaraú presenciei o seguinte diálogo:

Funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura

*- Agora que o Chagas morreu, agora é só Farias. O que você vai pedir para ele? Você é um traidor, saiu do lado do Farias e foi para oposição. Se for mudar tem que mudar agora. Eu sou seu amigo Galeguinho, eu só quero seu bem. Seu bem é com Farias. Sem Farias você não vai a lugar algum. Ou é Farias, ou vai viver sem nada. Eu não sou político. Trabalho na administração. Você quer um padrinho, quer?*

Galeguinho

*- quero.*

Acompanhante do Funcionário da Prefeitura

*- O Galeguinho é nosso, ele precisa.*

Funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura

*- Você me permite te levar ao Farias. Sou sua ponte. Ele vai te dar o que quiser, quer apostar?*



## 2. A “Política” é coisa de políticos?

Os episódios narrados no início do texto são notas que tomei intuitivamente durante a pesquisa de campo da minha dissertação de mestrado. Naquela oportunidade, meu interesse estava circunscrito a um fórum conhecido popularmente como Conselhão. Tal fórum é composto predominantemente por agricultores, que se reúnem mensalmente na sede do município no último sábado de cada mês, desde 1990. Nessas reuniões os freqüentadores levam as demandas de suas localidades ao prefeito e aos secretários e representantes de outras localidades do município (Silva, 2004).

Entretanto, hoje percebo que mesmo nessas reuniões, um fato recorrente na fala dos participantes remetia a elementos comuns narrados nas três cenas; o debate em torno do significado do lugar e do tempo da “política”.

Durante as reuniões, por exemplo, o diretor daquele fórum enfatizava em diversos momentos que: “O Conselhão não é do Joãozinho, não é do Farias, não é de político nenhum, o Conselhão é do Povo”<sup>iii</sup>. Dessa forma, procurava reafirmar ao público presente a autonomia do fórum em relação à política local.

O significado da política também gerava polêmica entre as pessoas que freqüentam esse fórum. Pois, naquele período, a “política” era vista como algo que não deveria estar presente nas reuniões. A fala de um agricultor retrata bem tal situação:

*Na época da campanha política, a negada acocha mais o lado da política. Aqui não é para ser política, para ser política tinha uma reunião política. É da comunidade, é da comunidade. É política, é da política. Rapaz, o Conselhão de tal dia é uma reunião política não é uma reunião comunitária. (...) Porque nós temos a nossa hora de nós falar, de nós fazer críticas, de pedir, de agradecer, nós temos, qualquer um do Conselhão tem direito de acenar e falar o que sabe, mas quando tem uma reunião política vem deputado, vem governador, vem senador, vem pra cá, aí os pobres sobram, sobram porque o tempo não dá. Cada um quer falar o que quer meia hora uma hora e aí nós sobra. (Representante da Comunidade do Povo Unido do Bairro do Pedregal, 2003)*

Nesse depoimento a política é apresentada como algo dissociado do cotidiano social; é uma atividade exercida por especialistas – políticos profissionais – em uma temporalidade específica – período eleitoral, e também espaços específicos.

Dois outros depoimentos de freqüentadores daquele fórum reforçam tal hipótese:

*Querem fazer política no Conselhão. E o Conselhão é um órgão que é para a gente discutir as necessidades das comunidades, não é um órgão político que a gente possa estar falando em política. (...) Muita gente leva a política como sendo um negócio sério, um negócio que seja honesto, e não tem político honesto. Você pode saber disso que não tem nenhum político honesto, a gente tem que batalhar pelo pão de cada dia, ter o futuro do filho da gente. (Representante da Associação do bairro Jericó, 2002)*

*Porque aqui quando tem uma reunião que é mesmo do Conselhão, que é só comunitário, é uma reunião boa, sadia, a gente conversa, amigo de todo mundo, conversas passadas de um para o outro, para ver como é que está a comunidade e tudo é, aonde chega tem conhecidos, aqui é um ponto muito bom da pessoa se encontrar, porque faz conhecimento com tudo. (Representante da Comunidade do Povo Unido do Bairro do Pedregal, 2002)*

Um pesquisador desavisado que presenciasse uma dessas reuniões provavelmente ficaria confuso inicialmente. Tais pessoas faziam questão de afirmar que a política é uma atividade fora de seus cotidianos, de que o fórum, por exemplo, não é lugar da política, de que a política é contrária aos interesses da comunidade e cuja atividade coloca em cheque as relações sociais de amizade, vizinhança e parentesco.



Entretanto, tais atores sociais participam da definição das prioridades de investimento da prefeitura, fiscalizam o andamento de obras públicas, levam suas reclamações e sugestões ao conhecimento do prefeito, vereadores e secretários municipais. Além disso, freqüentam as reuniões do Sindicato de Agricultores e interessam-se pelas sessões da Câmara Municipal de vereadores. Ou seja, participam de eventos de natureza eminentemente política, embora no seu cotidiano não identifiquem tal participação como uma atividade política.

Ao mesmo tempo em que a política é vista com desconfiança, a presença dos políticos, vereadores, secretários municipais e do prefeito é algo muito valorizado por essas pessoas, pois são eles atores capazes de dar o *feedback* as solicitações apresentadas no conselho.

Assim como em muitos municípios brasileiros a representação recorrente da atividade política em Santana do Acaraú é circunscrita ao período eleitoral. Segundo Palmeira (1996), em muitos municípios a própria política é identificada com tal período; existe um “tempo da política” que se corresponde ao período eleitoral<sup>iv</sup>.

Nos últimos cinquenta anos da história política desse município as disputas eleitorais aconteceram entre descendentes de uma mesma família, porém pertencentes a facções políticas distintas. É durante o pleito que tais facções são claramente identificadas em um tipo de “conflito aberto/autorizado”. O próprio espaço físico da cidade nesses períodos passa a ser demarcado entre os partidários de cada uma das facções. Os bares, os estabelecimentos comerciais, as praças são associados a uma ou a outra facção através de faixas, de cartazes, de carros estacionados com a propaganda política, sinalizando assim as adesões.

Destarte, tal temporalidade representa uma quebra no cotidiano dessas cidades. É um período de festas, manifestado nos rituais de comensalidade, nas carreatas, nas passeatas, e nos comícios. Por outro lado, também é um período de competição e conflitos expressos nos novos recortes sociais que dividem pessoas que, em outros momentos, estariam unidas por relações de parentesco, amizade e/ou vizinhança (Palmeira et.al, 1997).

Note-se, que esta ruptura com o cotidiano não começa necessariamente com o calendário estabelecido oficialmente pela Justiça Eleitoral. O tom que assume as declarações das pessoas que pleiteiam algum cargo eletivo na política local, bem como os comícios, são alguns dos indicativos do início do “tempo da política”. Freqüentemente ocorrem polêmicas entre os membros das facções a cerca do fato de algum político estar se antecipando ao “tempo da política”.

Se em relação ao começo do “tempo da política” temos tais indicativos, em relação ao seu final a questão é bem mais complexa. O modo como a campanha foi conduzida, as acusações de fraude, e a solicitação de recontagem dos votos, podem comprometer “o fecho do tempo da política”, levando os conflitos característicos de tal temporalidade para além do período eleitoral.

Os episódios narrados no início do texto são exemplares, eles ocorreram entre os anos de 2001 à 2004, fora do período eleitoral oficial. Entretanto, fazem parte de um conjunto de eventos que foram associados pela população local ao “tempo da política”. Tais eventos, representam um momento *sui generis*, em que a “política” foi percebida pela população como estando fora do seu lugar e do seu tempo. Neles podemos observar *in loco* elementos estruturais que cercam o “mundo da política”. Nesse sentido, tais eventos são elucidativos para compreender como a política, tal como é identificada pelos munícipes santanenses, subverteu o cotidiano daquela localidade. Entretanto, é preciso contextualizar tais fatos na história política local.



### 3. História Política Local

Em Santana do Acaraú a história da política local dos últimos cinquenta anos é narrada em dois períodos. No primeiro, anterior a 1989, o executivo local era disputado por dois “chefes políticos”, José Arcanjo Neto e Chagas Vasconcelos. Ambos descendentes de uma mesma família tradicional da região.

Desde a década de cinquenta o poder executivo local foi ocupado pela facção política liderada por Chagas Vasconcelos (PMDB), embora ele tenha ocupado uma única vez, em 1958, o cargo de prefeito de Santana do Acaraú, os prefeitos eleitos durante tal período estavam sob sua tutela.

Ao lado da imagem estereotipada de “coronel”, associado à “política atrasada”, que se impunha pelo poder e perseguia seus “inimigos políticos”, a “doença de Chagas” que afligia Santana, cuja construção foi realizada pelas facções rivais sob sua figura, convivia outra nuance do mesmo “coronelismo”, a do “Anjo Bom” que, mesmo sem ocupar cargo público, transportava pessoalmente, em seu carro, doentes para Sobral e para Fortaleza, pois o hospital local a partir de 1989 era administrado pela oposição. Era admirado, por sua oratória, e popularmente conhecido como o “Advogado dos Pobres”.

Foi a partir dessa conjuntura que a outra facção política começou a construir uma proposta marcada pelo discurso de rompimento com um passado qualificado por eles como “oligárquico” e “atrasado”. Tal ruptura é atribuída à ascensão pessoal do médico João Ananias Vasconcelos Neto na política local.

Seu pai, José Ananias Vasconcelos, foi prefeito por duas gestões em Santana do Acaraú, em 1962 e 1974 apoiado por seu primo, Chagas Vasconcelos (MDB). Em 1982, João Ananias disputou pela primeira vez as eleições como candidato a prefeito de Santana do Acaraú pelo Partido Democrático Social (PDS) – extinta ARENA, Aliança Renovadora Nacional, base de sustentação civil do regime militar – contra o candidato apoiado por Chagas Vasconcelos. Mesmo tendo contado com apoio da facção liderada por José Arcanjo, João Ananias perdeu o pleito.

Após sua derrota João Ananias Vasconcelos Neto continuou visitando periodicamente as comunidades rurais, discutindo com elas seus problemas. A esse período fundou em Santana do Acaraú um diretório do Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Em 1988, João Ananias vence o pleito e assume o cargo de prefeito daquele município. Tal momento pode ser interpretado como expressão de uma “nova” proposta política. Sua campanha, cujo *slogan* era “Santana tem Cura”, foi marcada pelo discurso de ruptura com o passado classificado por sua facção como “oligárquico” e de construção de espaços para a “participação popular” na gestão pública municipal.

De 1989 até as eleições de 2001, o grupo de João Ananias renovou sua liderança na prefeitura local, elegendo prefeitos que traziam como *slogan* de campanha a “participação”. No pleito de 1992, a permanência desse projeto se deu pela eleição do médico José Ari Fonteles (PSB). João Ananias, já com uma projeção política regional, no pleito de 1994 foi eleito deputado estadual.

Segundo relatos, após a gestão de Ari Fonteles “Construindo o Amanhã” (1993-1996), a facção de João Ananias não possuía nenhum nome “forte” para fazer frente a facção de Chagas Vasconcelos. Esse fato reverteu-se em uma ameaça à continuidade da facção de João Ananias no executivo local, o que fez com que ele deixasse a cadeira na Assembléia Legislativa Estadual do Ceará para novamente disputar a eleição para prefeito em Santana do Acaraú em 1996.

Naquele ano, os nomes mais expressivos que concorriam à prefeitura eram: Chagas Vasconcelos (PMDB) e seu vice, o empresário José Aldenir Farias (PSDB), contra João Ananias Vasconcelos Neto (PSB).

José Aldenir Farias não pertence às famílias tradicionais de Santana do Acaraú. Filho de pequenos agricultores mudou-se ainda jovem para Fortaleza onde trabalhou como frentista em um posto de gasolina, que posteriormente adquiriu. Depois se mudou para estados da região Sudeste e Sul atuando no ramo de fabricação de móveis e comércio de madeiras, onde conseguiu ascensão financeira. Com o intuito de se



inserir no meio político de Santana do Acaraú, filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB, e a partir de meados dos anos 90, começou a transferir seus estabelecimentos comerciais sediados em outras cidades para lá. Com isso tornou-se o maior empregador da iniciativa privada e um dos homens mais ricos em Santana do Acaraú. Entretanto, isso não assegurou seu ingresso no meio político. Considerado como um “forasteiro” pelos chefes políticos das outras facções, sua inserção só ocorreria mais tarde, como candidato a vice-prefeito de Chagas Vasconcelos, em 1996.

A rivalidade nesse pleito acirrou-se quando no distrito do Sapó, onde tradicionalmente Chagas Vasconcelos obtinha grande votação, antes da apuração dos votos, na época em cédulas eleitorais, um dos fiscais ligado à facção de João Ananias rompeu o lacre da urna eleitoral. O caso foi levado a julgamento na Justiça Eleitoral, que resolveu provisoriamente manter a vitória de João Ananias sobre Chagas Vasconcelos, enquanto o mérito da questão não fosse julgado definitivamente.

Assim sendo, o período eleitoral foi prorrogado. A apuração da urna daquela localidade que definiria se a prefeitura continuaria sob a gestão da facção política de João Ananias ou voltaria para a facção política de Chagas Vasconcelos. Tal impasse se estendeu até 1998, e ficou conhecido popularmente como a “Urna 45 do Sapó”.

Em dezembro de 1998, a Justiça Eleitoral decidiu convocar uma nova eleição suplementar exclusivamente para o distrito de Sapó. Membros de ambas as facções destacam que a campanha da “Urna 45 do Sapó” consumiu mais esforços e investimentos financeiros que toda a campanha para prefeito de 1996. Integrantes das facções se mudaram para o distrito, e as ações da prefeitura foram direcionadas para aquela localidade, onde a luta pela adesão dos moradores foi acirrada. Num universo de 304 eleitores cada adesão tinha um grande peso político.

Inúmeros depoimentos mencionaram sobre uma reunião entre o candidato a prefeito João Ananias e o candidato a vice-prefeito de Chagas Vasconcelos, José Aldenir Farias. Acerca do conteúdo da conversa só existem especulações. Mas foi a partir desse encontro que Farias rompeu com Chagas Vasconcelos e começou a fazer campanha para João Ananias com a promessa de, nas eleições de 2000, sair como candidato a prefeito pelo PSB. Finalmente, com uma diferença de poucos votos João Ananias saiu vitorioso naquele pleito.

No final da gestão de João Ananias (1997-2000), mesmo sob protestos de seus partidários, Farias foi indicado como candidato a prefeito, disputando contra Chagas Vasconcelos à prefeitura de Santana do Acaraú. Através do *marketing* utilizado em sua campanha eleitoral em 2000, Farias procurou criar uma continuidade entre as gestões anteriores do PSB e a sua candidatura, projetando seu discurso a partir dos *slogans* “O Projeto Continua” e “Trabalho e Participação”.

Vencedor daquele pleito, meses depois de assumir a prefeitura Farias desligou-se do PSB, rompendo com a facção política de João Ananias. Ao longo de 2001 e 2002, vários vereadores da facção de Chagas Vasconcelos e da facção de João Ananias transferiram-se para o Partido Popular Socialista (PPS) – base de apoio de Farias.

Gradativamente as disputas na política local aguçaram-se. As pessoas ligadas à facção de João Ananias que ocupavam cargos comissionados, aos poucos foram substituídas; funcionários concursados declararam na época sofrer perseguição por causa das suas adesões políticas.

Com o acirramento desses conflitos, aos poucos o espaço da Câmara Municipal tornou-se o reduto do grupo de vereadores ligados à facção de João Ananias e de Chagas Vasconcelos, e o Conselhão, um lugar quase que restrito aos vereadores ligados a Farias.

Em 2003, um reflexo dessa mudança foi a criação por iniciativa de vereadores que se opunham a Farias da “Tribuna Livre”, um espaço “participativo” para pronunciamentos da população durante as plenárias. Tal tribuna representava um contra ponto ao espaço ocupado por vereadores pertencentes à facção de Farias que se pronunciavam no Conselhão.





A partir da “Tribuna Livre” foram feitas denúncias contra a gestão de Farias que provocaram a instauração, na Câmara Municipal, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI<sup>v</sup>.

Em julho de 2003, um recurso encontrado no Regimento Interno da Câmara levou ao afastamento temporário do prefeito Farias. O cargo de prefeito passou a ser reivindicado na Justiça pelo grupo do prefeito afastado e pelo vice-prefeito Antônio de Pádua Arcanjo, ligado a facção de João Ananias. Após dez dias, houve reintegração do cargo a Farias.

Nesse período intensificou-se, em Santana do Acaraú, uma curiosa “guerra de pasquins”. O “Jaburu”, o mais antigo deles, misteriosamente aparecia afixado em lugares públicos ou colocado debaixo das portas das casas da sede do município. A circulação desses panfletos suscitou respostas do prefeito através de “Notas de Esclarecimento”, que também eram remetidas para as casas da sede do município<sup>vi</sup>.

No segundo semestre de 2003, Santana do Acaraú foi sorteada pela Controladoria Geral da União para receber uma equipe de fiscalização. Um parecer técnico apontou irregularidades na gestão “Trabalho e Participação”.

Outro palco das disputas entre as facções políticas foi à rádio comunitária Arakém sediada na igreja matriz e tutelada pelo pároco local. Com o advento da polarização dos conflitos, dois dos programas veiculados passaram a explicitar sua adesão a cada uma das facções. Após um atentado nas instalações da rádio, e denúncias levadas ao conhecimento da Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel, o padre encerrou as atividades da rádio.

Durante tal período, vários municípios santanenses relataram que o “medo” tinha tomado conta do município: fogos de artifício eram lançados em frente das casas intimidando seus moradores, transferências de servidores públicos para locais distantes da sede, ameaças verbais, disputas entre carros de som, certos espaços da sede do município eram evitados por serem associados à determinada facção. A presença de partidários de uma ou outra facção nesses lugares era visto como afronta, o que aumentava a tensão na cidade.

O clímax ocorreu em novembro de 2003, quando aconteceu um “atentado de pistolagem” contra um vereador partidário da facção de João Ananias, que presidia as investigações de possíveis irregularidades na administração de Farias. Tal fato, inusitado na política local, provocou comoção na população que se manifestou, através de passeatas, pela paz. Com a prisão de três suspeitos, Aldenir Farias foi apontado como suspeito de ser o mandante do crime.

Após esse fato a disputa, concentrou-se na Câmara Municipal, onde quatro vereadores da base aliada do prefeito Aldenir Farias foram investigados e cassados. Com o apoio dos suplentes que assumiram os cargos, Farias foi novamente afastado do cargo, temporariamente, por um período de 90 dias e, posteriormente, teve seu mandato cassado pela Câmara de Vereadores; seus secretários e as pessoas que ocupavam cargos de confiança também foram exonerados. O vice-prefeito Antônio de Pádua Arcanjo (PC do B)<sup>vii</sup> assumiu a prefeitura com o *slogan* “É tempo de paz”.

Mesmo depois da cassação do mandato de Aldenir Farias os conflitos não cessaram. O clima de disputa antecipou os embates que ocorreriam nas eleições para prefeito e vereadores, em outubro de 2004. Através de uma liminar judicial, Farias (PSDB) conseguiu reaver seus direitos políticos e lançar sua candidatura a prefeito concorrendo contra Antônio de Pádua Arcanjo (PC do B).

A “herança política” de Chagas Vasconcelos foi um dos temas centrais disputado entre as facções. Após a morte de Chagas, seus correligionários ficaram divididos entre a facção de João Ananias e a facção de Farias. A viúva de Chagas aproximou-se da facção de Farias tornando-se sua candidata à vice-prefeita nas eleições de 2004. A outra parte da facção de Chagas se aproximou da facção de João Ananias, apoiando à eleição de Antônio de Pádua Arcanjo (PC do B) à prefeitura de Santana do Acaraú.

Após uma campanha conturbada, Antônio de Pádua Arcanjo (PC do B) ganhou o pleito daquele ano. No dia da sua posse, Aldenir Farias faleceu em um acidente automobilístico.



#### 4. Espaços e Tempos da Política

Os episódios ocorridos em Santana do Acaraú não são, por si só, negativos ou desagregadores. Segundo Simmel (1987), o conflito é um elemento importante para compreender a dinâmica social. A existência de desavenças, conflitos e discordâncias fazem parte da interação social. O conflito provoca e modifica interesses de grupo, adesões e rupturas, já que afeta os grupos em disputa, tanto em sua relação um com o outro, mas também em relação ao próprio grupo.

Na existência de um conflito com um grupo externo, as diferenças internas de cada facção diminuem ou mesmo são temporariamente suspensas, unindo pessoas que, em outros momentos estariam dispersas, também é uma oportunidade de eliminar elementos que poderiam ameaçar a clareza dos limites com o outro grupo. A unidade do grupo se fortalece diante de um conflito com um adversário externo. Esse efeito pode se estender depois do período da luta, isto é, *"o conflito é mais a oportunidade para as unificações exigidas internamente do que o propósito dessas unificações"* (Simmel, 1987).

Embora reconhecendo que o conflito é fonte geradora de tensões, ele pode ser analisado de maneira *sociologicamente positiva*, ou seja, como um elemento possuidor de uma função unificadora, que faz parte da dinâmica social. Contudo, não se pode viver o tempo todo nesse estado, o conflito existe apenas de forma contingente na relação entre os indivíduos e grupos, pois, se prolongado, pode provocar a desagregação social.

No decorrer da história política de Santana do Acaraú, até 1996 os conflitos característicos do "tempo da política" findavam com a apuração dos votos. Frequentemente, o candidato derrotado se retirava do município temporariamente, enquanto as lideranças da facção vencedora costumavam arranjar com os membros da facção derrotada.

Vale lembrar, que uma parcela significativa desses políticos, mesmo posicionados em lados opostos durante o período eleitoral, pertencem a uma mesma linhagem familiar e, na maioria dos casos, mantém uma relação social amistosa fora do período eleitoral. Desta forma, tais arranjos possibilitavam que as disputas mais acirradas ficassem circunscritas e fossem ritualizadas durante o período eleitoral.

Entretanto, em 1996-1997, com o episódio da "Urna 45 do Sapó", e como um desdobramento desse fato, em 2001-2004, os conflitos característicos do "tempo da política", extrapolaram o período eleitoral, transformando o cotidiano em um momento *sui generis* da política local, levando a política para além do período eleitoral, prolongando a divisão, os conflitos entre as facções rivais, promovendo redefinições nas adesões faccionais naquele município, durante essa temporalidade.

Diante disto, é interessante notar dois tipos de narrativas sobre tais eventos; por um lado as interpretações por aqueles que "fazem política" em Santana do Acaraú, ou mais precisamente, por aqueles que vivem da e para a política (Bourdieu, 2004), por outro como as pessoas que não estavam diretamente ligadas ao núcleo duro das facções em disputa perceberam e vivenciaram esses fatos.

Segundo Bourdieu (2004), a análise do campo político deve levar em consideração a divisão do trabalho político entre agentes politicamente ativos (profissionais que vivem da política e para ela) e agentes politicamente passivos (profanos). Os políticos profissionais, subsidiados por seu "capital político", participam do campo político como produtores de representações da política, já os profanos, são reduzidos a consumidores.

*O que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada: o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos,*



*acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de «consumidores», devem escolher, com probabilidades de mal entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção (Bourdieu, 2004).*

Desta forma, os políticos profissionais são, dentro do campo político, as pessoas dotadas das categorias de percepção, dos esquemas classificatórios que serve para pensar a política a partir de uma ótica esotérica.

No interior do campo político há lutas intra ou inter facções, envolvendo políticos profissionais que disputam posições na hierarquia do Estado, nos partidos políticos. Existem também lutas voltadas para o exterior, para "elaboração e difusão de uma representação do mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível de cidadãos e de assegurar, portanto postos que lhes assegurem um poder sobre os seus atributários" (Bourdieu, 2004).

No Brasil as eleições ocorrem de dois em dois anos. Se em um período estão em jogo cargos políticos locais; câmara de vereadores e prefeitura. No momento seguinte estão em disputa os cargos na esfera estadual e federal; deputado estadual e federal; governador, senador e presidente. Tais disputas são uma constante entre os políticos entrevistados. Quando não estão pleiteando diretamente algum cargo, estão testando seu prestígio localmente ao apoiarem as candidaturas de seus partidários em outras esferas. Entretanto, após apuração dos votos os rituais característicos daquele período são suspensos dando lugar a outros tipos de atuações políticas.

No episódio da "Urna Sapó 45" os rituais que asseguravam o fechamento do "tempo da política" (tais como a posse do prefeito e do presidente da câmara municipal) não foram suficientemente eficazes para suspender a luta por adesões de uma das facções em disputa. Enquanto a facção vitoriosa inicialmente se esforçava em dar o caso por encerrado procurando amenizar tais disputas, a outra facção questionava a impugnação da "Urna 45 do Sapó". Desta forma, o "tempo da política" foi prorrogado, invadindo o cotidiano do município e se intensificando em dezembro de 1998 quando foi realizada a eleição suplementar naquele distrito.

Os eventos que aconteceram entre 2001 a 2004 possuem outras características. Como a investidura do prefeito não foi contestada pelas outras facções após o período eleitoral, a competição por adesões e os conflitos característicos do "tempo da política" retornaram gradativamente. Entretanto, eles foram expressos através de formatos diferentes ao do período eleitoral oficial.

Outra questão importante que devemos levar em consideração é o fato de que a política de Santana do Acaraú é marcada fortemente pelo personalismo, a ponto de os entrevistados classificarem a história da política local de acordo com o "chefe político" que ocupa e/ou tutela o cargo de prefeito, em detrimento de uma divisão por siglas partidárias ou orientação política (direita-esquerda). Assim, temos o "tempo do Dr. Chagas", "tempo do Ari", "tempo do Farias".

Nesse sentido, vale lembrar que durante esse segundo período três importantes figuras que mediavam os conflitos políticos entre as facções nos últimos 50 anos em Santana do Acaraú faleceram; Chagas Vasconcelos - PMDB, José Arcanjo Neto, seu principal opositor, e José Ananias Vasconcelos, pai de João Ananias Vasconcelos Neto, que em outros momentos pertenceu à facção de Chagas Vasconcelos, e na época de seu falecimento apoiava a facção do seu filho. A ausência desses interlocutores pode ser uma pista interessante para compreender a instabilidade na política local. Todavia, essa, e muitas das questões aqui levantadas, precisam ser mais bem depuradas analiticamente.



## Bibliografia

BOURDIEU, Pierre (1997), *O Poder simbólico*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

PALMEIRA, Moacir (1996), "Política, Facções e Voto". In: PALMEIRA et al., *Antropologia, Voto e Representações Política*. Rio de Janeiro, Contracapa Livraria.

PALMEIRA, Moacir et. al. (1997), Política Ambígua. In: *O mal à brasileira*. P. BIRMAN & S. CRESPO (org.). Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

SILVA, Clódson Santos (2004), *O Que se diz e o que se faz em nome da participação – Conselhão Santana do Acaraú - CE*. Dissertação de Mestrado, UFC.

SIMMEL, George (1987). A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática.

<sup>i</sup> O município de Santana do Acaraú localiza-se no Estado do Ceará na região Nordeste do Brasil. É um município predominantemente rural e tem uma população total de 26.198 estimada em 2000.

<sup>ii</sup> Meio de transporte irregular utilizado no interior do Nordeste brasileiro em que caminhões adaptados para o transporte de passageiros em substituição aos ônibus convencionais.

<sup>iii</sup> João Ananias Vasconcelos Neto ex-prefeito (1989-1992/1997-2000) e José Aldenir Farias prefeito na época de Santana do Acaraú (2001-2004).

<sup>iv</sup> “Tempo da política” é uma categoria nativa.

<sup>v</sup> Inicialmente a gestão de Aldenir Farias foi acusada de cadastrar alunos “fantasmas” e pessoas mortas para aumentar o repasse de recursos do FUNDEF ao Município, de pagamento do Bolsa Escola para pessoas que não residiam no município, e adulteração do Censo Escolar 2003, de utilização de Notas Fiscais de algumas empresas fornecedoras de materiais e serviços com endereços falsos, indicando fraude nas licitações. Além de irregularidade na aquisição de carteiras escolares com recursos do FUNDEF nos exercícios de 2001/2002.

<sup>vi</sup> O uso de panfletos anônimos conhecidos como “pasquim” como forma de protesto remete a uma estátua mutilada datada dos princípios do século XVI em Roma. Tal estátua localizava-se em lugar público, em sua base se afixavam libelos e sátiras que ironizam os poderosos locais, era um meio de fugir da censura e protestar contra as desigualdades. Tais mensagens depois se propagavam de boca em boca por toda cidade. Além do “Jaburu” surgiram outros panfletos a citar: “O amigo do Jaburu”; “Jaburuzão”; “Big Brother”; “Do Amigo do Jaburu”; “Carta ao Amigo Jaburu”; “O Arrote”; “Amigo do Outro”; “O outro Jaburu”; “Doa a Quem doer”; “Fiéis e Apaixonados”; “O próprio Jaburu”; “Arnaldo Jaburu”. Notas públicas das diversas facções políticas locais, bem como cartas anônimas também eram constantes.

<sup>vii</sup> Durante tal período João Ananias juntamente com os membros da sua facção política que pertenciam ao PSB mudaram para o Partido Comunista do Brasil (PC do B).